

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CAMILLE CERQUEIRA SILVA ROCHA
RENATA DE OLIVEIRA MENDES**

**A BRINQUEDOTECA NA ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR:
ESPAÇO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

Rio de Janeiro

2020

A BRINQUEDOTECA NA ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR: ESPAÇO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM

THE TOY IN HOSPITAL SCHOOLING: SPACE FOR LEARNING LEARNING

Camille Cerqueira Silva Rocha

Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário São José

Renata de Oliveira Mendes

Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário São José

Roberto Nunes Bittencourt

Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

A Pedagogia Hospitalar surge como novo ramo educacional dentro da área de Pedagogia visando trabalhar, refletir e discutir os processos educativos e formativos da educação no espaço hospitalar. Assim, a Pedagogia Hospitalar tem por objetivo ofertar ao indivíduo em situação de internação, condições para a manutenção de sua escolaridade através de diferentes práticas pedagógicas, como as brinquedotecas. As brinquedotecas são espaços de recreação e aprendizado escolar para as crianças da educação infantil, possibilitando uma interrelação entre o aprendizado, a brincadeira e a ludicidade. Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender a relevância da brinquedoteca como espaço de ressignificação da aprendizagem nos espaços informais como os hospitais. A escolha do devido tema, justifica-se pela necessidade atual da escassez de espaços hospitalares que ofereçam dentro de suas equipes multidisciplinares o profissional Pedagogo para a continuidade do processo de escolarização e do ensino da criança em situação de internação. Deste modo, o estudo realizado nesta pesquisa parte da revisão de diferentes literaturas, artigos científicos, dissertações e teses dentro do campo educacional que fomentem e reflitam sobre a importância e relevância da brinquedoteca nos espaços hospitalares. Sendo assim, a contribuição de FÁVERO & CALDAS (2020), TEIXEIRA (2018), SILVA (2013), KENDZIERSKI (2012), RAMOS (2007) e BRASIL (2018,2002,2001,1996,1995,1994,1989) possibilitaram a construção do estudo literário desta pesquisa. Constatou-se ao final do estudo que a brinquedoteca hospitalar possibilita a prevenção da saúde emocional da criança; a preparação aos desafios inerentes a situação de internação; a continuidade do desenvolvimento global infantil; a permanência da oferta de um ensino de qualidade; a continuidade da escolarização; a percepção da brinquedoteca como espaço de acolhimento e aprendizagem; estreitar a relação da aprendizagem infantil com o brinquedo e a brincadeira; e transformar a brinquedoteca em um espaço humanizado do brincar através de uma interrelação entre educador-criança-família.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar, Brinquedoteca e Escolarização.

ABSTRACT

Hospital Pedagogy appears as a new educational branch within the area of Pedagogy aiming to work, reflect and discuss the educational and training processes of education in the hospital space. Thus, Hospital Pedagogy aims to offer the individual in a situation of hospitalization, conditions for maintaining their education through different pedagogical practices, such as playrooms. Playrooms are spaces for recreation and school learning for children in early childhood education, allowing an interrelation between learning, play and playfulness. Thus, this research aims to understand the relevance of the toy library as a space for reframing learning in informal spaces such as hospitals. The choice of the appropriate theme is justified by

the current need for the scarcity of hospital spaces that offer within their multidisciplinary teams the professional Pedagogue for the continuity of the schooling process and the teaching of the child in a hospital situation. In this way, the study carried out in this research starts from the review of different literature, scientific articles, dissertations and theses within the educational field that foster and reflect on the importance and relevance of the toy library in hospital spaces. Thus, the contribution of FÁVERO & CALDAS (2020), TEIXEIRA (2018), SILVA (2013), KENDZIERSKI (2012), RAMOS (2007) and BRASIL (2018,2002,2001,1996,1995,1994,1989) made possible the construction of the literary study of this research. At the end of the study, it was found that the hospital playroom enables the prevention of the child's emotional health; preparation for the challenges inherent in the hospitalization situation; the continuity of global child development; the continued supply of quality education; continuing schooling; the perception of the toy library as a welcoming and learning space; strengthen the relationship between children's learning and toys and games; and transform the toy library into a humanized space for playing through an interrelation between educator-child-family.

Keywords: Hospital Pedagogy, Toy Library and Schooling.

INTRODUÇÃO

A escolarização hospitalar vem sendo caracterizada como uma ação constituída de elementos singulares, que se volta para uma perspectiva escolar com configurações apropriadas da escola formal, haja vista a intencionalidade pedagógica. Ao se apropriar de conhecimentos pertinentes ao âmbito da escolarização hospitalar, será possível observar a desconstrução da ideia reducionista de que o hospital é local específico para tratar a doença que causou a internação da criança e/ou adolescente.

Falar sobre a construção histórica da área da Pedagogia Hospitalar nos remete à construção crítica e reflexiva de uma ação educativa voltada a uma relação indissociável entre o cuidar e o educar no ambiente hospitalar, a fim de garantir, pelas práticas pedagógicas a possibilidade de construção do conhecimento e prosseguimento dos estudos. As brinquedotecas surgem nesses espaços como um local de lazer, de conhecimento e sentimento para as crianças que estão em situação de internação. Assim, faz-se necessário um estudo mais aprofundado da relação de ensino e de importância desses ambientes dentro dos hospitais que devem buscar práticas do ensinar e do aprender, mas que também estimulem o bem-estar.

Neste sentido, surge a questão a ser investigada nesta pesquisa: Qual a importância da brinquedoteca hospitalar como espaço de ressignificação da aprendizagem? Acredita-se, por meio de diferentes estudos, que a disponibilidade de espaços como as brinquedotecas em ambientes hospitalares ainda seja uma problemática da esfera de políticas públicas, visto que, a Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional nº 9.394/96 verse pelo oferecimento do ensino em diferentes espaços para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, mas tal prática não tenha uma regularidade.

Este artigo tem por objetivo geral pesquisar na área do conhecimento de Educação e Saúde, a importância e a relevância da brinquedoteca como espaço de ressignificação da aprendizagem nos espaços informais como os hospitais, de modo que, possa-se estabelecer uma relação entre educação, cuidado e humanização da criança. Além disso, de forma específica, identificar a relação do trabalho do Pedagogo no contexto hospitalar; evidenciar o contexto histórico e social de uma brinquedoteca hospitalar; analisar as práticas pedagógicas e o funcionamento da brinquedoteca hospitalar junto aos seus recursos de ensino para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem e assim relacionar os benefícios que esse espaço pode proporcionar às crianças em período de internação.

O tema abordado apresenta em sua estrutura uma importância significativa quando se trata de compreender a dimensão dos espaços de aprendizagem dentro dos hospitais, fomentando-se as brinquedotecas como um espaço de aprendizagem e desenvolvimento do brincar para crianças em situação de internação e que encontram-se fora dos espaços escolares por problemas de saúde.

A relevância da pesquisa parte dos conhecimentos capazes de comunicar e relacionar à sociedade e aos meios acadêmicos, sobre a importância e a relevância da disponibilidade de espaços de ressignificação da aprendizagem e do brincar dentro de espaços hospitalares, possibilitando as crianças em situação de internação condições de progredirem no processo de ensino-aprendizagem fora do espaço escolar comum. Acreditamos que o estudo sobre o papel da brinquedoteca hospitalar no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de crianças em situação de internação que lhes possibilite condições de dar continuidade aos estudos e a compreender, através da brincadeira e do espaço de ludicidade hospitalar que, a educação se faz presente em diferentes espaços e contextos.

Atualmente, ainda é perceptível observarmos o não oferecimento de brinquedotecas nos espaços hospitalares em virtude da desconsideração do trabalho pedagógico, assim como, a não observância da atuação do Pedagogo nesses espaços

que, por sua vez, devem ser enriquecidos de conhecimento, de histórias, de sentimentos e de possibilidades para a superação das dificuldades.

Neste sentido, o trabalho se justifica na medida em que poderemos encontrar possíveis respostas para as seguintes questões: Quais as práticas pedagógicas desenvolvidas nas brinquedotecas hospitalares? Como é realizada a atuação pedagógica do Pedagogo em espaços hospitalares? Quais os benefícios que a brinquedoteca traz as crianças em situação de internação? Como as políticas públicas veem a disponibilidade das brinquedotecas em hospitais? Esses questionamentos nos levam a buscar uma explicação e orientação para o desenvolvimento e o embasamento teórico, a fim de, responder a situação de pesquisa aqui trabalhada.

O presente estudo traz ao meio acadêmico condições de pesquisar, por meio da área da Pedagogia Hospitalar, a ação pedagógica do Pedagogo nos espaços de aprendizagem hospitalar, assim como, evidenciar a necessidade e a importância desse profissional e de espaços como as brinquedotecas de forma a garantir o bem-estar das crianças, assim como, proporciona-lhes uma vivência prazerosa, sensível que relacione a aprendizagem com o brincar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Constituição Federal de 1988 estabelece que a educação é um direito de todos, tendo os seus desdobramentos definidos a partir das determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)— Lei nº. 9.394/96. Essa lei assegura a oferta de formas alternativas de acesso à educação escolar para garantir o cumprimento da obrigatoriedade do ensino (BRASIL, 1996). Por sua vez, a Resolução nº. 41 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), dispõe sobre os direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados (BRASIL, 1995).

A atuação do pedagogo e/ou professor no contexto hospitalar requer desse profissional a compreensão de que, em tal espaço, ele poderá desenvolver sua prática com a criança e/ou adolescente em locais como sala de aula, leito, brinquedoteca, Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), bem como no ambulatório do hospital. Assim, independentemente do local em que a criança e/ou adolescente esteja internado, é

preciso garantir-lhes o direito à educação, como previsto no artigo 4º da LDB (Lei nº 9.394/96).

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Ferreira (2015, documento on-line) afirma que: “[...] a constituição histórica da pedagogia hospitalar não tem um registro histórico claro, pois pesquisadores da área apresentam divergências sobre onde começou esse processo de escolarização hospitalar”. De fato, há divergências na literatura em relação à data e ao local onde se iniciaram as ações pedagógicas em contextos hospitalares. Entretanto, o desencadeamento dessas ações está relacionado ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, como indicam os diferentes estudos sobre o processo de escolarização hospitalar que vêm sendo desenvolvidos em escala mundial.

Teóricos como Barros (2011) mencionam que a escolarização hospitalar surgiu no Brasil para atender pessoas que precisavam de educação especial. Eram contempladas pessoas com deficiências físicas hospitalizadas na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (JANNUZZI, 2004). Mazzotta (1996) afirma que em 1931 a professora Carmem Itália Sigliano já desenvolvia ações pedagógicas nesse hospital.

No momento atual, a educação tem tecido significativas transformações acerca dos processos de ensinar e aprender dentro e fora dos espaços ditos escolares, onde, a sociedade ao longo dos anos, solicitou cada vez mais que a educação se aprimorasse e atendesse as demandas emergentes e urgentes com relação à educação.

Diante disso e do acometimento da saúde infantil e populacional, a educação passou a vislumbrar diferentes espaços, já antes liberados por lei, como os hospitais. A figura do profissional Pedagogo nos espaços hospitalares se assenta como uma possibilidade de enriquecimento do trabalho pedagógico àqueles que não podem estar diretamente ligados à escola.

Para Matos e Mugiatti (2017), o pedagogo dentro do contexto hospitalar se apresenta como:

Um educador, como partícipe da equipe de saúde, que tem, portanto, a incumbência de retornar esse papel na sociedade, como agente de mudanças, mediante ações pedagógicas integradas, em contextos de educação informal,

com vistas à formação de consciência crítica de todos os envolvidos, numa atuação incisiva, na reestruturação dos sistemas vigentes para uma nova ordem superior (MATOS & MUGIATTI, 2017, p. 21).

Tal relação de ressignificação dos espaços hospitalares em busca da construção do conhecimento tem sido alvo de grandes críticas e discussões acerca da oferta de espaços, como as brinquedotecas, que possuem papel fundamental no processo do brincar, aprender e interagir das crianças que encontram-se internadas em hospitais.

Para Oliveira, Silva e Fantacini (2016, p. 89) “a pedagogia hospitalar está presente nos quartos e enfermarias dos hospitais, bem como na brinquedoteca”, onde esse campo de ação contribui para a o desenvolvimento da aprendizagem da criança, sua integralidade e possibilitando a esses pequenos um alívio com relação ao tratamento recebido nesses hospitais.

Nesse sentido, a evidência do trabalho pedagógico dentro do ambiente hospitalar traduz a necessidade construção do processo de ensino e a caminhada dessas crianças à educação, de forma que, mesmo com suas impossibilidades de se locomoverem até uma instituição formal de educação, elas tenham seus direitos à educação garantidos com a ação da pedagogia hospitalar.

A atual Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – 9.394/1996, garante em seu texto a possibilidade e a oportunidade de todas as crianças terem acesso à educação em distintos espaços, inclusive, em ambientes hospitalares ressaltando as atividades lúdicas, assim como, o prosseguimento dos estudos às crianças em casos de internação e tratamentos graves sem prejuízo aos seus estudos. (BRASIL, 2018)

Matos e Mugiatti (2009) fomentam que a Pedagogia Hospitalar constitui-se de um enfoque voltado à ação pedagógica:

Este enfoque educativo e de aprendizagem deu origem à ação pedagógica em hospitais pediátricos, nascendo de uma convicção de que a criança e ao adolescente hospitalizados, em idade escolar, que não devem interromper, na medida do possível, seu processo de aprendizagem, seu processo curricular educativo. Trata-se de estímulos e da continuidade dos seus estudos, a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim dificultando, conseqüentemente, a recuperação da sua saúde. A necessidade de continuidade, exigida pelo processo de escolarização, é algo tão notório que salta à vista dos pais, professores e mesmo das próprias crianças e adolescentes. (MATOS & MUGIATTI, 2017, p. 68)

Por isso, torna-se importante a busca por uma atuação pedagógica dentro dos espaços hospitalares. Atualmente a dimensão dessa disponibilidade de brinquedotecas ainda é pouca comparada a necessidade vigente do processo educativo hospitalar, então, é necessário que os órgãos competentes façam com que algumas políticas públicas sejam cumpridas em virtude dessa necessidade.

É eminente considerarmos o cumprimento de algumas políticas públicas como a Lei nº 11.104, de 21 de março de 2015, que versa sobre a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas em unidades de saúde que, aprovada pela Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005, focaliza diretrizes para que esses espaços possam oferecer brinquedotecas hospitalares.

Nesse sentido, a Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005, fomenta sobre as diretrizes de implantação e benefícios que a brinquedoteca hospitalar traz para as crianças:

Art 5º. Para o cumprimento do disposto nos artigos anteriores, deverão ser observadas as seguintes diretrizes: **I** - os estabelecimentos hospitalares pediátricos deverão disponibilizar brinquedos variados, bem como propiciar atividades com jogos, brinquedos, figuras, leitura e entretenimento nas unidades de internação e tratamento pediátrico como instrumentos de aprendizagem educacional e de estímulos positivos na recuperação da saúde; **II** - tornar a criança um parceiro ativo em seu processo de tratamento, aumentando a aceitabilidade em relação à internação hospitalar, de forma que sua permanência seja mais agradável; **III** - agregação de estímulos positivos ao processo de cura, proporcionando o brincar como forma de lazer, alívio de tensões e como instrumento privilegiado de crescimento e desenvolvimento infantil; **IV** - ampliação do alcance do brincar para a família e os acompanhantes das crianças internadas, proporcionando momentos de diálogos entre os familiares, as crianças e a equipe, facilitando a integração entre os pacientes e o corpo funcional do hospital; e **V** - a implementação da brinquedoteca deverá ser precedida de um trabalho de divulgação e sensibilização junto à equipe do Hospital e de Voluntários, que deverá estimular e facilitar o acesso das crianças aos brinquedos, do jogos e aos livros (BRASIL, 2005, p. 1).

As evidências da lei devem ser cumpridas em virtude do oferecimento da educação as crianças em situação de internação, mas sua aplicação e cumprimento, nos dias de hoje, ainda são um tabu para a sociedade, visto que, é raro encontrarmos brinquedotecas, inclusive em hospitais públicos, além de profissionais como o Pedagogo atuando nessas áreas.

Com isso, falar sobre o papel da brinquedoteca como um espaço de ressignificação do processo de aprendizagem possibilita uma construção de ações ligadas à prática pedagógica, o cumprimento de políticas públicas ao atendimento de crianças em situação de internação, assim como, a continuidade do processo de ensino-aprendizagem a essas crianças.

CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Durante muitos anos a infância da criança não foi respeitada, eram consideradas como “pequenos adultos” tendo por consequência os direitos de seu desenvolvimento, crescimento e ludicidade negligenciados. Por isso, não podemos mencionar o contexto histórico e social da brinquedoteca e, em específico, da brinquedoteca hospitalar, sem mencionar este fato que existiu do momento em que a criança foi considerada como um ser dependente, incapaz e passivo, sendo assim, foi exposta à perda da infância, à oportunidade de fazer descobertas no mundo da brincadeira e se desenvolver integralmente, como também a riscos diretamente ligados à sua saúde.

Segundo Teixeira (2018) em todos os âmbitos da sociedade a identidade, a cultura e a infância da criança devem ser respeitadas. Quando esta se encontra no ambiente hostil e frio que se torna o hospital, no qual muitas vezes o psicológico é afetado de diversas formas quando, por exemplo, precisa fazer um determinado procedimento pelo qual não escolheu e muito provavelmente sua opinião não pôde ser considerada, é indispensável que seus direitos sejam respeitados.

Nesse sentido, torna-se essencial à existência da brinquedoteca, não somente como um espaço de lazer, mas sim um espaço acolhedor no qual a criança tem a possibilidade de viver sua infância e ser ela mesma quebrando a rotina de sempre ser vista como paciente. No ambiente proporcionado pela existência da brinquedoteca, as brincadeiras não se justificam apenas em função da existência dos brinquedos. O brinquedo pode ser parte ou não da brincadeira, mas não tem força por si só para submetê-la como atividade essencialmente lúdica. Na brincadeira, a criança é sempre

um sujeito ativo em uma situação sem consequências imediatas, sem percursos ou desfechos previsíveis ou predeterminados e, portanto, incerta quanto aos resultados.

A educação nem sempre foi assim como compreendemos e vemos nos dias atuais. Kendzierski (2012) fomenta que Friederich Froebel em sua construção teórico e prática, trouxe novos olhas para a construção de espaços voltados para a relação socioafetiva e do brincar, como os jardins da infância. Esses espaços, tinham como objetivo fomentar a aprendizagem da criança pequena numa época onde ainda não havia-se o uso de políticas públicas de proteção à educação infantil.

Segundo Kendzierski (2012) a construção dos jardins de infância tinha como objetivo principais a recreação, o uso do jogo para favorecer o ensino de conteúdos escolares e a observação sobre o diagnóstico infantil e recursos para a ajuda nas necessidades de aprendizagem infantil. Logo, os jardins da infância possibilitavam:

[...] ao observar as crianças trabalhando com esses “dons”, seria capaz de perceber que áreas interessariam mais às crianças, para que fosse realmente frutífero. Portanto, foi observando a criança que o educador percebeu o seu interesse em ver o que há dentro do brinquedo, onde criou os jogos de construção para “quebrar” e “consertar”. O material deveria ser explorado de três formas: a primeira era a forma da vida, a criança construía livremente formas que estão em seu cotidiano, como cadeiras, armários; a segunda era a da beleza, na qual a criança daria vazão a formas geométricas; e a terceira, a do conhecimento, na qual seriam explorados os mais variados conceitos matemáticos, como volume, tamanho, quantidade, bem como exercitada a linguagem com o aprendizado dos nomes apropriados dados às formas surgidas. Importante ressaltar que os “dons” possibilitariam os aqui já mencionados movimentos de interiorização e exteriorização de conhecimento pela criança (KENDZIERSKI, 2012, p. 7).

Essa relação entre a aprendizagem e os dons exercidos pelos pequenos nos jardins da infância, ressaltam a contribuição de Froebel para a Pedagogia no âmbito da educação infantil. A autora fomenta que:

Na pedagogia froebeliana, a educação infantil não visa a aquisição de conhecimento, mas a promoção do desenvolvimento. A educação é vista como parte do processo geral de evolução pela qual todos os indivíduos estão unidos à natureza e fazem parte do mesmo processo. Para Froebel, a educação é a realização do processo evolutivo no seu supremo estágio, relevando-se no ser humano individual. Desse modo, antes de todos, estabelece o conceito de educação que ainda prevalece. O aprender fazendo, proposto por Froebel, respeita antes de tudo, a metodologia natural das crianças (KENDZIERSKI, 2012, p. 10).

Diante dessa notoriedade, a atuação docente e pedagógica ganhar novos espaços educativos conquistando o patamar de ação e educação além dos muros da escola. A história do uso de brinquedotecas dentro do espaço escola esbarra-se na necessidade do atendimento a crianças pequenas em situação de internação, que precisam ter sua escolaridade acompanhada mesmo que distante do espaço escolar comum.

Ângelo e Vieira (2010) trazem a reflexão de como são entendidos os espaços hospitalares pelas crianças.

O ambiente hospitalar traz com ele regras que, muitas vezes, ameaçam o comportamento espontâneo da vida diária. A organização do hospital visa o cuidado da doença física, esquecendo-se dos aspectos biopsicossociais do ser humano esperando dele passividade e discricção. Essa condição é encontrada em muitos hospitais pediátricos, onde observamos a centralização desproporcional na doença em relação a saúde, na morte ao invés da vida, na morbidez em detrimento da vitalidade e uma grande preocupação em prolongar a vida biológica em descentralização de outras dimensões da mesma (ANGELO & VIEIRA, 2010, p. 85).

As mesmas autoras ressaltam a importância do trabalho pedagógico dentro do espaço escolar, através da brinquedoteca, mediante a construção de políticas públicas e sua valia dentro do sistema hospitalar.

Entendendo o brincar como uma função básica da criança, a brinquedoteca apresenta-se como uma alternativa rica para atender essa demanda. De acordo com a Lei nº 11.104/2005, todos os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedoteca nas suas dependências. A mesma lei define brinquedoteca como sendo um espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. Também conforme a Carta da Criança Hospitalizada, além do atendimento de qualidade, as crianças têm direito de se beneficiarem de jogos, recreios e atividades educativas adaptadas à sua idade, com toda segurança (ANGELO & VIEIRA, 2010, p. 85).

Sendo assim, as autoras classificam esse espaço, que ainda é tão desconhecido, afim de ressaltar a importância do trabalho pedagógico em brinquedotecas hospitalares.

A brinquedoteca é um espaço onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização, além de desenvolverem aspectos de socialização e cidadania. As atividades lúdicas também auxiliam na compreensão e elaboração da situação de exceção que a criança vive no hospital, diminuindo os aspectos negativos e possibilitando maior inclusão da mesma na instituição. E o que se vivencia na prática é que nem sempre estes direitos são respeitados mesmo os

Hospitais tendo um lugar específico para o brincar, como a Brinquedoteca (ANGELO & VIEIRA, 2010, p. 85).

Com isso, Teixeira (2018) ressalta que existem duas funções do pedagogo hospitalar: a de educar a criança hospitalizada com base em sua doença e o estado psicobiológico em que se encontra em estado de internação, e colaborar com a equipe saúde tendo consciência de que a cura, a saúde, é o objetivo prioritário ao qual qualquer outro aprendizado deve estar subordinado.

O PEDAGOGO NO CONTEXTO HOSPITALAR

Com incidência especial nas áreas da educação não formal, fora dos esquemas convencionais de trabalho dos pedagogos, Ramos (2007) traça um novo e aberto caminho da pedagogia hospitalar, numa clara perspectiva multiprofissional e de compromisso familiar e social. Em sua obra, a autora estabelece relações entre diferentes construtos que facilitam sua compreensão, de modo a entender como esse profissional chegou e se acentuou no espaço hospitalar.

A inserção da Brinquedoteca no ambiente hospitalar surge das discussões sobre a importância do brincar desde 1950 (...) em 1956 na Suécia, buscava-se introduzir no Departamento de Pediatria do Hospital de Umeo o trabalho com brinquedos para as crianças hospitalizadas através de Yvonne Lindquist. Sua iniciativa foi inicialmente negada, sofrendo resistências, mas com o passar do tempo os médicos observaram que as crianças que brincavam no hospital se recuperavam mais depressa (SILVA, 2013, p. 71-72).

Logo, esses espaços ganham status de significância na vida da criança hospitalizada. A autora chama a atenção para a caracterização da brinquedoteca e a função que assume nos espaços hospitalares.

Entendemos por Brinquedoteca Hospitalar um espaço no hospital, provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças, os adolescentes e seus acompanhantes a brincarem no sentido mais amplo possível. A Brinquedoteca deve promover o brincar para as crianças hospitalizadas, nos seus leitos ou em um espaço físico especialmente destinado às atividades, permitindo, assim, que a criança exercite os aspectos sensoriais, motores, perceptivos, afetivos, volitivos e sociais um lugar em que o brincar estará configurado como um conjunto de ações da criança sobre o meio e vice-versa (SILVA, 2013, 72-73).

Segundo Silva (2013) revela que tratar a pedagogia hospitalar como área de atuação da educação não formal, incluem conteúdos, áreas e grupos específicos como são educação em saúde e pedagogia hospitalar. Inicialmente, enxerga-se que a relação entre saúde e educação não formal é clara. Porém, é a pedagogia hospitalar que, do seu ponto de vista, contempla a áreas educacionais que, cada vez mais os hospitais vêm assumindo com relação ao tratamento e educação.

A pedagogia hospitalar surge a devido a reflexões acerca da compensação de atraso escolar por falta de escolaridade; dar conteúdo educativo nas horas vagas fora do tratamento médico e atender às consequências decorrentes da própria doença.

O brincar no hospital passa a ser uma forma de garantir que a criança hospitalizada tenha seu direito concretizado, uma vez que se encontra num espaço diferente do vivido cotidianamente e tem uma parte de sua vida interrompida, como a escolarização, as amizades, o lar, seus brinquedos etc. Isso contribuirá para que a criança continue a desenvolver-se plenamente, concluindo as etapas da vida sem nenhum prejuízo (SILVA, 2013, p. 29).

Por um lado, no campo educacional, Ramos (2007) lembra que a novo conceito de necessidades educacionais especiais, referindo-se à situação especial em que um aluno pode ser encontrado em qualquer momento de sua vida, e também pode exigir apresentações especiais. Educar hospitalarmente é um conceito relativo, transitórios e interativos no sentido de que dependem tanto das condições pessoais quanto das características do meio (ao contrário do conceito de déficit do modelo médico).

Nesse sentido, Ramos (2007), também chama a atenção para que naquela época, o alcance do prazo já era extensível a criança doente, há crianças que são forçados a permanecer em um hospital por mais ou menos períodos longos de tempo, considerando a situação da criança hospitalizada, a necessidade de uma sala de aula hospitalar e, principalmente, a necessidade de formar professores motivados, sensíveis e especializados.

Sem dúvida, a criança dentro do hospital vive uma ruptura hospitalizada com seu ritmo de vida, separação de seus amigos, de sua família, em geral, seu estado de privação (no afetivo, social, físico), que favorece a implementação de ações educativas especiais que reajustam o equilíbrio perdido na criança por um fator indesejável, a

doença. Para este fim, o a formação de profissionais tem muito a ver com o que surge em educação inclusiva, sob o lema de uma escola aberta à diversidade, que cobre grupos mais específicos ou áreas mais específicas.

Silva (2013) afirma que devido ao crescimento de crianças especiais e adoentadas nos hospitais, a necessidade de um profissional passou ao primeiro plano no sentido educativo destes espaços. A criança hospitalizada, em geral, são aquelas que sofrem de um processo crônico físico, de desenvolvimento, comportamental ou emocional, ou que estão expostas ao risco de sofrê-lo e que, além disso, necessitam de saúde e serviços complementares em sentido amplo, no que inclui toda uma série de serviços para manter ou melhorar sua saúde e capacidade funcional, tais como: serviços terapêuticos (fisioterapia, fonoaudiologia e de uma equipe multidisciplinar), serviços de apoio à família; equipamentos e suprimentos, etc.

Dentro das práticas educativas, inicialmente temos que entender que cada dia de trabalho numa classe hospitalar é totalmente diferente do outro devido ao movimento de internações, saídas para exames, visitas etc. O planejamento deverá, por este motivo, estar sempre voltado para um grupo de alunos novos e com atividades que tenham início, meio e fim naquele dia. Se possível, o professor deverá ter um olhar investigativo para tentar descobrir alguma dificuldade apresentada pelo aluno que está atendendo para uma provável orientação que possa facilitar a aprendizagem não alcançada. Já no caso de internações recorrentes e/ou prolongadas, a atenção estará mais focada no planejamento mais detalhado, preferencialmente em contato com a escola de origem do aluno, com vistas a proporcionar a continuidade da vida acadêmica do estudante (RAMOS, 2007, p. 80).

Unindo os dois campos, médico e educacional, em torno da criança doente, as necessidades educacionais especiais e as necessidades de cuidados especiais andam de mãos dadas. A compensação de ambos não tem outra forma de ser senão a de uma ação interprofissional sobre a criança, a família, as profissionais do hospital e da escola. A colaboração médico-pedagógica ao implantar brinquedotecas nesses espaços possibilita a construção de conhecimento ao público infantil e progresso de vida escolar.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O FUNCIONAMENTO BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Em primeiro lugar, parece ser essencial saber qual é a situação que uma criança doente mora no hospital. Na documentação existente, recolhe-se que a criança vive uma situação de ruptura com o seu ritmo de vida, separação dos amigos e familiares, isolamento, experiências desconhecidas num ambiente hostil, em princípio. Sem entrar na doença.

Desta forma temos como definição pelo Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Especial, que as classes hospitalares são:

Os ambientes serão projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para crianças, jovens e adultos, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais individuais. Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas (BRASIL, 2002, p. 15-16).

O Ministério da Educação, através da cartilha de orientações estratégicas sobre a classe hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar, fomentem que o trabalho docente nesses espaços deve:

Nas classes hospitalares, sempre que possível, devem estar disponibilizados recursos audiovisuais, como computador em rede, televisão, vídeo-cassete, máquina fotográfica, filmadora, videokê, antena parabólica digital e aparelho de som com CD e k7, bem como telefone, com chamada a ramal e linha externa. Tais recursos se fazem essenciais tanto ao planejamento, desenvolvimento e avaliação do trabalho pedagógico, quanto para o contato efetivo da classe hospitalar, seja com a escola de origem do educando, seja com o sistema de ensino responsável por prover e garantir seu acesso escolar. Da mesma forma, a disponibilidade desses recursos propiciará as condições mínimas para que o educando mantenha contato com colegas e professores de sua escola, quando for o caso (BRASIL, 2002, p. 16).

No concreto que sofre, a criança vive em um estado de carência no âmbito afetivo, social e físico, o que favorece de fato que esses alunos serem pacientes de um hospital os impede de frequentar regularmente as suas escolas e lhes causa, além do desconforto da doença, uma situação de medo e estresse.

A atual Base Nacional Comum Curricular, não aborda em seu documento normativo estratégias ou direcionamentos pedagógicos para o trabalho da educação não-formal como a da Pedagogia Hospitalar. Mas, a criança em situação de internação, através do uso da brinquedoteca tem direito ao brincar e a aprendizagem.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2018, p. 37).

Da mesma forma que esse ato de brincar, caracteriza-se como um direito de aprendizagem e desenvolvimento.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BRASIL, 2018, p. 38).

Segundo Fávero e Caldas (2020), felizmente, as crianças internadas são alunos de seus centros e, na maioria das vezes, sua passagem pela sala de aula do hospital será uma circunstância temporária. Em relação ao tempo de internação, distingue-se entre os alunos os seguintes grupos: alunos hospitalizados de longa duração, são aquelas crianças que permanecem hospitalizadas por mais de 30 dias durante o curso escola; alunos semi-hospitalizados, crianças cuja duração no o hospital fica entre 15 e 30 dias por ano; e alunos de curta internação, aqueles que ficam menos de 15 dias no ano.

[...] as Classes Hospitalares surgem a partir do reconhecimento formal de que, apesar de hospitalizados, as crianças e adolescentes têm direito a continuidade dos estudos, sem quaisquer interrupções. Durante a hospitalização, elas visarão um espaço de socialização, o qual possibilitará aprendizagens, valorizará a autoestima e amenizará traumas, propiciando a construção saudável da subjetividade, confiança e autonomia dos pacientes, favorecendo o desenvolvimento integral e o respeito pela fase evolutiva em que o aluno/paciente se encontra. Além disso, as Classes Hospitalares representam um lugar adaptado, no qual a criança hospitalizada poderá explorar o ambiente e agir sobre ele de acordo com as suas demandas internas, recuperando a socialização e dando seguimento ao processo de aprendizagem, em um ambiente que poderá colaborar para a ressignificação do adoecer (FÁVERO & CALDAS, 2020, p. 53845).

Todavia, a Base Nacional Comum Curricular, defende que o brincar na educação infantil relaciona-se diretamente com o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e motor, onde, dentro desta perspectiva, os campos de experiência (o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) possibilitam a construção de uma educação lúdica através do brincar (BRASIL, 2018).

Logo, mesmo que a Base Nacional Comum Curricular não traga em seu texto o fomento pelo trabalho específico dentro da área de Pedagogia Hospitalar através das brinquedotecas, os campos de experiências acentuam-se numa proposta pedagógica a ser adequada e construída a partir da necessidade de aprendizagem da criança que encontra-se em situação de internação.

Com isso, as práticas pedagógicas nas classes hospitalares devem prezar pela construção de momentos de aprendizagem que diminuam os impactos do processo de internação da criança, assim como, fazer com que as práticas lúdicas e do brincar sejam construtoras de aprendizado no momento de reclusão hospitalar, auxiliando na aprendizagem e na construção dessas crianças como cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho foi pautado pela revisão bibliográfica de diferentes autores e teóricos da área de educação, assim como, a reflexão acerca de artigos científicos, dissertações e teses no campo educacional que travam na temática da Pedagogia Hospitalar como campo do saber e do uso das brinquedotecas em espaços hospitalares.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi relacionada a importância da brinquedoteca como espaço de ressignificação da aprendizagem infantil, assim como, a postura docente e pedagógica diante das necessidades emergentes das classes hospitalares. Essas classes hospitalares são definidas como espaços de acolhimento e tratamento de crianças em situação de internação que não tem acesso ao espaço da escola comum, devido a saúde debilitada e cuidados progressivos.

Sendo assim, constatamos através do estudo que a brinquedoteca hospitalar tem como objetivos a prevenção da saúde emocional da criança; a preparação aos desafios inerentes a situação de internação; a continuidade do desenvolvimento global infantil; a permanência da oferta de um ensino de qualidade; a continuidade da escolarização; a percepção da brinquedoteca como espaço de acolhimento e aprendizagem; estreitar a relação da aprendizagem infantil com o brincar e a brincadeira; e transformar a brinquedoteca em um espaço humanizado do brincar através de uma interrelação entre educador-criança-família.

Mesmo diante de tais possibilidades e objetivos analisados da brinquedoteca no desenvolvimento infantil, cabe-nos ressaltar que, ainda são escassos os espaços de oferta do profissional Pedagogo nas classes hospitalares, assim como, a oferta de brinquedotecas que possibilitam o desenvolvimento de um trabalho lúdico e da aprendizagem infantil.

Com isso, torna-se necessário que a construção de nova políticas públicas sejam efetivadas, de modo que, os grandes centros hospitalares reconheçam a necessidade de espaços como a brinquedoteca e da presença do Pedagogo para a continuidade da escolarização de crianças em situação de internação. Assim, o Estado será capaz de fazer valer as necessidades já expostas em outras leis, que tratam do marco legal da disponibilização de brinquedotecas em espaços hospitalares.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, T.S; VIEIRA, M. R. R. Brinquedoteca hospitalar: da teoria à prática. **Revista Arquivos de Ciências e Saúde**, v. 17, n. 2, p. 84-90, 2010.

BARROS, A. Notas sócio históricas e antropológicas sobre a escolarização em hospitais. In: SCHILKE, A. L.; NUNES, L. B.; AROSA, A. C. (org.). **Atendimento escolar hospitalar: saberes e fazeres**. Niterói: Intertexto, 2011. p. 19-29.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 27/10/2020.

_____. **CONANDA**. Resolução n. 41, de outubro de 1995. Brasília, 1995. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995/>>. Acesso em: 07/05/2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 07/05/2020.

_____. **Classes hospitalares e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: 27/10/2020.

_____. **Lei de Apoio às Pessoas Portadoras de Deficiência e Integração Social, nº 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7853.htm>. Acesso em: 07/05/2020.

_____. **Política Nacional de Educação Especial**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP, 1994.

_____. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de fevereiro de 2001. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 07/05/2020.

FÁVERO, A. C. S; CALDAS, R. F. L. Classes Hospitalares: o impacto do tratamento de crianças em período de internação. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 53840-53857, 2020.

FERREIRA, J. de L. **Formação continuada online para o desenvolvimento profissional dos professores que atuam no atendimento pedagógico ao escolar em tratamento de saúde**. 2015. 341 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015.

JANNUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2004.

KENDZIERSKI, M. **Friederich Froebel e os jardins de infância**. Pós-graduação em Educação Infantil da Universidade Estadual do Centro Oeste, 2012. Disponível em: <<https://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iiv2n1/104.pdf>>. Acesso em: 27/10/2020.

MAZZOTTA, M. J. da S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

TEIXEIRA, S. R. O. **Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e a realidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

RAMOS, M. A. M. A **História da Classe Hospitalar Jesus**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, N. **Pedagogia Hospitalar**: fundamentos e práticas de humanização e cuidado. 1^a. ed. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.